

26 de maio de 1944

A minha mãe sempre disse que eu era diferente. Cuspia a palavra como se fosse fruta podre na língua.

Pensei que se devesse ao meu amor profundo pela literatura gótica. Era-lhe difícil tirar o meu nariz do *Frankenstein*, de Mary Shelley, ou dos meus contos preferidos de Edgar Allan Poe.

Em criança, disse-lhe que queria viver numa casa construída propositadamente para refletir o interior dos seus cérebros. Gótica. Sombria. Assustadora, diria mesmo. A minha mãe ficou horrorizada com a ideia e chamou-me louca. E muitos outros nomes desprezíveis, mas não vou dar-lhe a satisfação de os repetir, nem por escrito.

Mas o que pensaria ela agora?

Ela morreu quando eu tinha vinte e três anos, mas mesmo do tumulto, sinto o peso do seu julgamento.

Deixar um homem entrar em minha casa e beijá-lo. Um homem que não é o meu marido.

Um homem que passou semanas do lado de fora da minha janela, a observar-me de longe.

Há algo de errado com ele.

E, claramente, há algo de errado comigo também.

PRÓLOGO

- Como te chamas? — pergunto de novo, sem fôlego.
- Ronaldo.
- Queres magoar-me, Ronaldo?
- Nunca — responde ele. — Só quero amar-te, Genevieve.
- Como sabes o meu nome?
- Sei tudo sobre ti. Tal como sei que também me vais amar.

Capítulo 1

O FANTASMA

18 de março de 1944

Este é o terceiro homem que despacho hoje, e já me falta a paciência para as súplicas inúteis.

Normalmente, deixo este trabalho para os executores da família Salvatore, mas tirar a vida a um homem oferece uma libertação diferente de qualquer outro vício. Tabaco, uísque, mulheres — nenhum tem o mesmo efeito.

É o raio de uma conversa maldita que ameaça a paz que encontro quando um coração deixa de bater.

— Não, não, espera! Deixa-me explicar! — suplica o miúdo, cuja voz fanhosa denota o terror que sente. Já passa da meia-noite. O frio cortante e o nevoeiro cerrado instalaram-se na Ponte Aurora.

O desespero invade-o, e ele tenta atingir-me com um golpe no lado esquerdo. O miúdo é estúpido se pensa que não estou habituado a homens que procuram aproveitar-se da minha deficiência. Desvio-lhe o punho com facilidade e, depois, desfiro-lhe um murro no nariz por tal atrevimento.

O sangue jorra-lhe das narinas e, enquanto ele geme e murmura insultos entre dentes, prendo-lhe os tornozelos com cordas e dou-lhe

um nó apertado. O suor e a gordura colam-lhe o cabelo demasiado comprido e desgrenhado à testa, e o óleo de motor mancha-lhe o macacão azul-marinho, ao qual se junta agora o sangue que lhe escorre do nariz. É mecânico de profissão, mas os seus interesses sempre estiveram ligados à Máfia. A mãe tinha ligações a uma família de Nova Iorque, mas recusou-se a envolvê-lo no negócio. É um *cugino*. Nos últimos meses, esforçou por se tornar um membro e jurou lealdade aos Salvatore.

Um juramento que não cumpriu.

Foi por isso que lhe amarrei blocos de cimento aos pés. Se alguém encontrar o corpo, verá que tem uma bala na boca — uma mensagem clara do seu crime.

— És um bufo, Worm. Andavas a passar informações aos Baldelli — lembro-lhe, secamente. O Angelo pôs-lhe a alcunha devido às suas feições marcadas e à voz irritante. Não sei qual é o seu verdadeiro nome, mas de certeza que o obituário no *Seattle Times* de domingo o esclarecerá, se alguma vez for encontrado.

A comunicação social reconhecerá a mensagem e saberá que a sua morte foi obra do crime organizado. E o público vai, inevitavelmente, voltar o olhar para os Salvatore.

O Angelo dominou Seattle nas duas últimas décadas e foi declarado o *capo di tutti i capi*. Permitiu que outras famílias fizessem negócios em Seattle, com a sua bênção e, claro, com a condição de que receberia parte dos lucros.

No entanto, há cinco anos, Don Manny Baldelli decidiu contestar essa ordem. Alegou que o bisavô emigrara da Sicília para Seattle primeiro, o que fazia dele o legítimo proprietário da cidade. Depois, espalhou-se a notícia de que o Manny estava a reter o tributo do Angelo e a traficar armas. eclodiu então uma guerra, e os homens estão a ser chacinados a torto e a direito. As famílias escolhem lados e, até hoje, o Angelo anda sempre rodeado de guarda-costas.

São tempos perigosos e, por isso, nenhum de nós circula pelas ruas sem olhar por cima do ombro.

— Vocês estão a dar-me má reputação! — insiste o Worm com veemência. — Não sou nenhum *chibo*, Ronnie; conheces-me! Os Baldelli obrigaram-me a entrar naquele carro, mas não lhes disse nada. Por favor, tens de acreditar em mim!

Um dos nossos colaboradores, o Lloyd, viu-o entrar num automóvel dos Baldelli há duas noites e, ontem, o Worm apareceu com um fato caro e um *Rolex* novinho no pulso. O *timing* não foi coincidência e o miúdo deixou claro que a família rival o comprara.

— Não me chames Ronnie — digo, secamente.

É a única resposta que de lhe dou. Não vale a pena discutir com o miúdo, pois já está marcado. Se não for eu a acabar com ele, será um dos executores do Angelo.

O Worm abre a boca de novo, preparando-se para se defender, mas aproveito e enfio-lhe o revólver na boca e puxo o gatilho. Passa mm carro, mas em vez de abrandar, acelera.

Tiro-lhe o *Rolex* do pulso e meto-o no bolso. Mais tarde, devolvo-o aos Baldelli para que saibam que o seu investimento foi em vão.

A seguir, lanço o Worm por cima do gradeamento e levanto os blocos de cimento, que depois atiro. O corpo dele precipita-se sobre a extremidade e cai no canal, com o barulho a ecoar no ar da noite.

Finalmente. Um pouco de paz e sossego.

Rodo o pescoço, aliviando a tensão acumulada nos ombros. As suas súplicas não só são inúteis, como também bastante incômodas.

Volto para o meu carro, estacionado no outro lado da ponte, e começo a assobiar a melodia «Just One More Chance», de Bing Crosby.

18 de março de 1944

— O idiota encharcou-se e perdeu trezentos dólares para o Tommy, mas isso impediu-o de jogar outra partida? Claro que não! Agora, deve quinhentos dólares ao Tommy.

É meio da manhã, e estou a caminho para informar o Angelo sobre a execução do contrato do Worm ontem à noite, quando ouço a voz do Santino na sala de estar da propriedade do Angelo. Desvio-me na sua direção, guardando o saco com o *Rolex* ensanguentado do Worm no bolso interior da gabardina. Gosto sempre de me manter informado quando se trata da família. O Tommy e o Santino são primos do Angelo, por isso, se alguém deve dinheiro ao Tommy, significa que deve dinheiro ao Angelo.

Viro a esquina e encosto-me à ombreira da porta, chamando a atenção do Santino. Ele encontra-se sentado no sofá ao lado da mãe, a Kay, que se entretém a troçar do idiota que agora está em dívida para com os Salvatore. E, além do mais, por uma quantia considerável.

— De quem estás a falar? — pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

O Santino tem apenas dezassete anos e, embora esteja envolvido no negócio da família, também é um tagarela. Atualmente, é uma vantagem. Mas, um dia, isso pode valer-lhe uma bala.

Isto se regressar a casa da guerra. Vai ser recrutado dentro de alguns meses.

— Chama-se John Parsons. Ele e o amigo detetive, o Frank Williams, têm frequentado o salão nos últimos meses. No início, ele tinha dinheiro, mas o idiota está sempre a tentar recuperar o que perdeu, e já não consegue pagar. Na noite passada, o Tommy desafiou-os para um jogo de póquer e o John não se controlou.

Arqueio uma sobranceira, surpreendido por o primo do Angelo andar a jogar com o Frank.

É um dos principais detetives de homicídios em Seattle e normalmente é o responsável pelos casos resultantes da guerra entre as famílias da Máfia.

O Angelo tem-no sob controlo, e ele conhece-nos muito bem, algo que o John aparentemente ignora.

— O Tommy apostou com o bófia?

O Santino sorri.

— Nunca ninguém lhe chamou génio, Ronnie.

Sinto-me tentado a repreendê-lo por me chamar Ronnie, mas informar-me sobre este Parsons é mais importante do que discutir o meu nome com um miúdo. Já bati em todos os homens desta família por me chamarem assim, e todos eles sofrem de perda de memória a curto prazo.

Sempre detestei a alcunha. Faz-me lembrar o meu pai, que tinha o mesmo nome, e, ainda assim, custa-me pensar nele.

Em miúdo, o pai do Angelo chamava-me por esse nome, e o filho manteve o hábito. O resto da família segue-lhe o exemplo, apesar das minhas objeções.

— John Parsons? — repito, chamando-lhe a atenção para o assunto em questão. — Quem é ele?

O Santino encolhe os ombros.

— Não sei. Porém, não pagou um tostão ao Tommy. Prometeu que arranjaria o dinheiro mais tarde, mas julgo que todos sabemos como isso costuma acabar.

— Sabes mais alguma coisa sobre ele? — pergunto.

— É dono da Mansão Parsons, perto do Sound. Ele não parava de falar nisso enquanto esvaziava uma garrafa de uísque — responde o Santino, irritado.

Saio da ombreira e regresso à entrada da casa do Angelo. Falo com ele mais tarde.

— Ei, Ronnie, se o vais despachar, deixa-me ir, sim? — chama ele por mim.

— Santino — adverte o Kay.

Não me dou ao trabalho de responder. Se quisesse que um dos membros da equipa do Angelo tratasse de alguém por mim, decerto que não alistaria um miúdo.

Em breve, ele terá muita experiência a puxar o gatilho, e é melhor apontar a arma a um nazi do que a alguém como o John Parsons.

O Santino tem problemas maiores do que a organização. Aguarda-o uma guerra.

18 de março de 1944

A Mansão Parsons é diferente de tudo o que já vi. Se estivesse no centro de Seattle, destacar-se-ia.

Com o revestimento negro e as gárgulas posicionadas no telhado, parece ter saído de um filme do *Drácula*. Casas como esta não existem nesta cidade, mas aqui estou eu.

Enfiando as mãos nos bolsos da gabardina, percorro o jardim da frente. Uma série de flores coloridas florescem frente ao alpendre pintado de preto, fazendo com que a casa pareça uma nuvem de tempestade sombria perdida no meio de um arco-íris brilhante.

É uma vivenda interessante, que só reforça a minha curiosidade sobre quem é John Parsons e por que razão reside numa casa como esta.

A minha pergunta é respondida momentos depois, quando um movimento na grande janela de sacada me prende a atenção. Uma mulher alta e de curvas generosas está sentada numa cadeira frente ao vidro. Fico instantaneamente fascinado. Os seus lábios carnudos estão pintados de vermelho e os seus cabelos negros estão encaracolados na perfeição. Enverga um vestido amarelo-canário, com mangas caídas pelos lados e o tecido justo a acentuar-lhe a cintura curvilínea.

O meu coração paralisa, como se Deus tivesse congelado o tempo, enquanto a vejo a olhar para algo no colo. Um dos lados da sua boca arqueia-se ligeiramente. Pela forma como inclina a cabeça e move o braço, parece estar a escrever.

Fico enfeitiçado por ela e, embora não haja maneira de o saber, tenho a certeza de que é o cérebro por trás da Mansão Parsons.

Hipnotizado, dirijo-me a ela, sem conseguir escapar ao transe da minha mente.

Não estou apenas fascinado por ela.

Estou possuído por uma necessidade insaciável de a ter.

E ela *tem* de ser minha.

Como se tivesse ouvido a minha declaração interior, a sua cabeça ergue-se e o seu olhar fixa-se em mim. Parece que um relâmpago me

atravessa no local onde me encontro. A boca dela abre-se, o choque arredonda-lhe os cantos dos olhos de espanto e, embora pareça que o medo lhe está a cravar as garras, continua tão arrebatadora como antes.

Vim aqui para descobrir quem é o John Parsons, e a única coisa que sei é que ele regressa a casa para a mulher mais bonita do mundo.

E não a merece nem um pouco.

A mão dela passa por cima do coração, com uma caneta dourada entrelaçada nos dedos.

O que estará a escrever?

E será que vai escrever sobre mim?

Gostaria de ser consumido pelas suas palavras, não importa como elas me toquem. Quer seja através daqueles lábios pintados de vermelho ou das suas mãos delicadas. Quero conhecer cada faceta dela, cada centímetro: a mente, o corpo e a alma.

Com o peito apertado, o meu movimento reflete o dela e a minha mão desliza sobre o coração, que se aperta quase dolorosamente. É preciso um esforço monumental para desviar o olhar do dela. Dou um passo atrás e recuo lentamente pela extensa estrada de gravilha. A caminhada até ao meu carro, que está estacionado na rua, demora vários minutos, mas não me lembro de um único segundo.

Ela assola a minha mente, infetando-a como um parasita e anulando qualquer autonomia sobre mim. O meu livre-arbítrio está em dívida para com ela e, sem ela, não sou ninguém.

Fecho a porta do *Cadillac* e fico ali sentado, a lamentar a vida da mulher do John Parsons.

Ela nunca mais será a mesma, tal como eu não sou.

O marido arrastou-a involuntariamente para um mundo onde ela não se encaixa.

Mas serei eu que nunca a deixarei partir.